

Pipoca Pedagógica

Luíza, John Lennon, o fusca amarelo e os saberes

“Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes”.

Paulo Freire

Iniciei minha carreira dando aulas em escola isolada.

Era uma fazenda linda e as aulas aconteciam numa casa adaptada com duas lousas, carteiras duplas, um armário bem pequeno e um espaço para servir a merenda que ia pronta da cidade.

Cheguei com o material pronto, preparado como professora gosta, com enfeites para decorar a sala e me deparei com a realidade: crianças de várias idades, muitas delas responsáveis pelo irmão mais novo, com muito conhecimento de mundo e de vida de adulto, muita energia e pouco tempo para ser criança. Luiza era uma delas.

Eram três turmas e eu, uma professora inexperiente e com medo de tudo: de barata, de cobra, de escorpião, de piolho...

Uma professora que não sabia por onde começar, não se reconhecia professora, não sabia o tamanho de sua responsabilidade, de sua importância e relevância para aquelas pessoas com quem passou a conviver, e dessas pessoas na vida dela.

A rotina era sempre a mesma: chegar à escola, limpar a sala, dar aula, servir merenda, lavar os pratos, guardar, recreio e aula de novo.

Até que algumas mães começaram a me pedir carona para levar os filhos ao posto de saúde. Passei, então, a ter contato mais próximo com as pessoas que moravam na colônia onde ficava a escola. Descobri nesse momento, mas sem a clareza de hoje, que eu era mais do que professora. Era alguém que podia ajudar, que acolhia, que respeitava sem preconceito. Eu levava outra realidade a eles.

Nasceu, então, entre mim e as mães, um vínculo especial. Elas me aguardavam chegar à fazenda e bastava meu fusca amarelo passar na estrada que cortava o cafezal, no final da manhã, que lá estavam elas e as crianças me esperando.

Nesse tempo não tinha a dimensão da importância desse relacionamento, da troca que havia entre a gente, do quão importante é cuidar do outro, ouvir e principalmente do quanto eu estava aprendendo e aprendi.

Lembro-me de que foi debaixo de uma árvore enorme, perto do laranjal que rodeava a escola, que fiquei sabendo da morte de John Lennon por meio de uma mãe, que ao ouvir a notícia no rádio saiu de sua casa e me perguntou quem era o cantor que havia morrido. Arrasada, expliquei e comecei a cantarolar *Imagine* perto das crianças que nunca tinham ouvido falar do Lennon e naquele momento tomaram conhecimento. Eu detinha um tipo de saber e eles outro. Nós nos completávamos.

Voltei à sala, recomecei a aula e no final do dia devo ter dado carona pra alguém...

Hoje sei o que tudo isso significou para mim [e deve ter significado para todos com quem convivi] e compreendo que a reforma que o dono da fazenda fez na casa, transformando-a numa sala ampla, com um pátio que a ligou ao local onde era servida merenda, a mesa de alvenaria, os dois banheiros, a chegada inesperada de uma *Ciranda de Livros* não foram por acaso. Mas isto já é outra história...

Cida Rogel

Pipoca pedagógica é um gênero 'inventado' pelo grupo de professores que participa do GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Faculdade de Educação da UNICAMP) e hoje praticado por muitos educadores de diferentes lugares. É um tipo de crônica do cotidiano, uma breve narrativa de acontecimentos que têm lugar na escola. Trata-se de outra forma de registro, bem diferente dos registros pedagógicos mais habituais: nesse tipo de escrito o autor não faz uma reflexão explícita, mas narra uma história, um episódio de sua história profissional, que suscita reflexão no leitor.